

A CIDADE E O URBANO NO COTIDIANO ESCOLAR¹ **THE CITY AND URBAN IN EVERYDAY SCHOOL LIFE**

Valéria Rodrigues Pereira²

Jéssica Oliveira Ferreira³

RESUMO: Este artigo refere-se ao projeto de iniciação científica “A cidade e urbano no cotidiano escolar” vinculado ao projeto de pesquisa “Abordagens teóricas e práticas da cidade e do urbano” desenvolvido a partir de 2014, no Curso de Geografia da UFMS, Campus de Três Lagoas. A presente proposta objetivou conhecer e analisar o ensino de geografia na escola pública, segundo os referenciais teóricos e a prática educativa. Por meio dos conceitos de cidade e urbanização conhecemos os recursos utilizados em uma escola pública de Três Lagoas-MS, dialogamos com os professores e realizamos atividades diagnósticas com alunos do ensino fundamental buscando identificar se, de fato, os estudantes se apropriam dos conceitos geográficos. O cotidiano escolar revela especificidades no perfil das turmas, na prática do professor e aponta para necessidade de encontros periódicos entre os pares da disciplina, bem como cursos de formação continuada voltados para ensino.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; geografia; prática; cidade; urbanização.

ABSTRACT: This article refers to the research project "The city and the urban in everyday school life" linked to the research project "Theoretical and practical approaches of city and urban" has been developed since 2014 at UFMS Geography Course, Três Lagoas campus. This proposal aimed to identify and analyze the geography teaching in public schools, according to the theoretical references and educational practice. Through the concepts of city and urbanization we know the resources used in a public school in Três Lagoas-MS, we talked with teachers and executed diagnostic activities with elementary school students

¹ Projeto de Iniciação científica “A cidade e o urbano no cotidiano escolar”-Edital PIBIC/PIBITI/CNPQ - UFMS 2014/2015.

²Coordenadora do projeto e docente do Curso de Geografia CPTL/UFMS. Email valeriaufms@gmail.com.

³ Acadêmica do Curso de Geografia, CPTL/UFMS, bolsista voluntária de Iniciação Científica CNPQ-UFMS 2014/2015.

seeking to identify if, in fact, students acquire geographic concepts. The everyday school reveals specificities in groups' profile, on teacher's practice and points to the necessity for regular meetings between the pairs of discipline as well as continuing education courses for school.

KEYWORDS: teaching; geography; practice; City; urbanization.

INTRODUÇÃO

A preocupação com o ensinar e o aprender é uma questão tratada em todas as disciplinas escolares e no campo da geografia, objeto deste ensaio, temos observado avanços significativos nas últimas décadas, com discussões em eventos científicos, revisão de livros didáticos, incorporação de novos conteúdos ao currículo mais relevantes para formação do cidadão e, aumento da produção científica relacionada ao tema.

Acadêmica ou escolar a geografia se expressa pelo conceito de espaço geográfico entendido como resultado das relações entre natureza e sociedade que se materializam sobre a superfície terrestre em determinado tempo, ou nas palavras do geógrafo Milton Santos (1998):

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. Sistemas de objetos e ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações, e, de outro lado o sistema de ações leva a outro leva a criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. (SANTOS, 1998, p. 111).

Aliado ao espaço geográfico há outros conceitos e categorias espaciais como paisagem, lugar, território, região e, ainda, o campo e a cidade que são abordados

desde os primeiros anos da educação básica e assumem relevância no ensino de geografia.

Influenciados por um imaginário criado pela sociedade no passado e difundido até hoje, particularmente pela mídia, é muito comum ouvirmos que cidade é o oposto de campo, apresentando diferenças no tipo de atividades produtivas, na quantidade de habitantes, no nível tecnológico e na infraestrutura. A classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) reforça essa ideia, como explica Marques (2002):

No Brasil, adota-se o critério político-administrativo e considera-se urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (vila). Segundo o IBGE, é considerada área urbanizada toda área de vila ou de cidade, legalmente definida como urbana e caracterizada por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; as áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano, e aquelas reservadas à expansão urbana (MARQUES, 2002, p.97).

Este critério legitimado pelo poder público determina o que é cidade e o que é campo estabelecendo um perímetro e, portanto, define as áreas urbana e rural. Por outro lado, a autora lembra que nessa classificação não há preocupação em se reconhecer as funções dos espaços, constituindo-se como rural aquilo que não é urbano, ou seja, as relações entre as duas formas espaciais não são consideradas.

Corroborando, Suzuki (2007, p. 135) aponta as intensas mudanças no cenário social, político, econômico e técnico que aconteceram no Brasil e proporcionaram alterações no campo, na cidade e na relação entre ambos “[...] não só porque houve uma mudança nos seus conteúdos e nas suas formas, mas, também devido às possibilidades novas que foram se constituindo de estabelecimento de vínculos e de influência de um sobre a outra, ou vice-versa”.

Não há consenso na definição dos conceitos e há muito tempo vários autores se debruçam no assunto, de qualquer maneira, acreditamos que pensar tanto a cidade quanto o campo por meio de sua *forma*, *conteúdo*, *estrutura* e *função* é o melhor caminho de compreensão do espaço, afinal ele é uma totalidade, como afirma Milton Santos(1992):

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida. Todavia, considerá-lo assim é

uma regra de método cuja prática exige que se encontre paralelamente através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes. Ora, a análise é uma forma de fragmentação do todo que se caracteriza pela possibilidade de permitir, ao seu término, a reconstituição desse todo. (SANTOS, 1992, p.05)

Além disso, o autor defende a necessidade de articular a esse estudo a noção espaço-tempo “[...] O espaço é uma categoria histórica e, por conseguinte, o seu conceito muda, já que aos modelos se acrescentam novas variáveis no curso do tempo” (SANTOS, 1998, p. 70). Ou seja, quando analisamos as categorias do espaço, como exemplo a cidade, constata-se que a mesma está em constante mudança, criada e recriada em diferentes etapas de sua história que constitui o urbano:

A cidade é, ao mesmo tempo, uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com o qual se confunde. Na verdade, há leis que se sucedem, denotando o tempo que passa e mudando as denominações desse verdadeiro espaço-tempo que é a cidade. É através desses dois dados que vamos unir a cidade e o urbano. É desse modo que poderemos tentar ultrapassar o mistério das formas, e buscar a construção do método [...] A história de uma dada cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar [...] (SANTOS, 1998, p.71)

Segundo Lefebvre (2006) a cidade manifesta uma morfologia material e o urbano se constitui uma morfologia social e, apesar disso, ambos só podem existir e serem compreendidos de forma integrada:

[...] a cidade, realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico- e por outro lado o “urbano”, realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas e reconstruídas pelo pensamento. Todavia, essa distinção se revela perigosa e a denominação proposta não é manejada sem riscos. O urbano assim designado parece poder passar sem o solo e sem a morfologia material [...] “o urbano” não pode dispensar uma base prático-sensível, uma morfologia. (LEFEBVRE, 2006, p.49)

Concordando com essa reflexão Sposito (1996) define cidade como forma e ao lado dela, considera-se o urbano como processo, pois, para compreender a cidade atual é necessário voltar ao passado:

[...] entendemos que o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas

pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações. (SPOSITO, 1996, p.10)

Em síntese, a cidade é a história da sociedade representada pela forma de ocupação do sítio urbano, fruto de atividades produtivas, ações políticas, econômicas e sociais que moldaram e moldam o espaço continuamente. A cidade está em nosso cotidiano, residindo nela ou não faz parte da vida de todos, incluindo os estudantes. Assim, a importância do ensino de geografia se acentua com conteúdos sociais que proporcionam ao aluno um aprendizado que faz parte da própria vida (CALLAI, 1999, p.90).

Para o ensino de geografia a cidade e o urbano contribuem na discussão do espaço geográfico e ter o conhecimento das diversas interpretações conceituais é primordial na escolha de uma abordagem didática mais significativa. Segundo Castellar (2010) o estudo da cidade também contribui para formação e exercício de cidadania ao discutir o lugar de vivência do aluno:

Na educação geográfica, estudar a cidade contribui, decisivamente para que os estudantes reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares e nelas se reconheçam. Passam a compreender que a vida em sociedade é dinâmica e que o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares. (CASTELLAR, 2010, p.52-53)

Apesar disso, o cenário atual mostra que o ensino não tem alcançado plenamente seus objetivos. O cotidiano escolar revela que muitos estudantes concluem a educação básica sem se apropriarem dos conceitos geográficos, comprometendo sua formação e o exercício de cidadania. Oficialmente, não há indicadores nacionais que comprovem essa ocorrência na disciplina, mas os professores têm conhecimento desse quadro por meio das atividades em sala de aula e o resultado das avaliações.

Ao cenário educativo acrescentamos a ação do governo estadual ao definir o currículo das disciplinas sob o véu da melhoria nos níveis de ensino, como é o caso de Mato Grosso do Sul, que elaborou e atualizou o Referencial Curricular (2012) para a rede pública de ensino fundamentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais

(1998) e tendo por “[...] finalidade orientar a ação docente, ajustar-se às normas nacionais e estaduais e, atender às expectativas de aprendizagem dos estudantes” (MATO GROSSO DO SUL, 2012, p.07).

É fato, que uma reforma curricular sozinha não é suficiente para melhorar a aprendizagem, o processo educativo é abrangente, passa por diversas questões, mas se concentra no saber e no fazer docente e, no caso da geografia ensinar articulando o espaço vivido ao espaço produzido é essencial.

Cavalcanti (2010, p. 26) afirma que não há aprendizagem real quando ensinamos apenas o conceito ao aluno e reforça a importância do professor como mediador desse processo, ao desenvolver estratégias didáticas que favoreçam os estudantes na construção conceitual, pois “[...] A pesquisa corrente sugere que o professor deve propiciar condições para que o aluno possa formar, ele mesmo, um conceito. Por essa razão, é relevante o investimento intelectual para compreender o processo de construção de conceitos”.

Nesse sentido, Castellar (2010, p. 49) destaca a articulação da construção de conceitos à uma abordagem significativa para o aluno com a mediação do professor:

Pensar, pedagogicamente, os saberes geográficos numa perspectiva metodológica e significativa para os alunos implica desenvolver ações que reestruturem os conteúdos, inovem os procedimentos didáticos e estabeleçam com clareza os objetivos. Desse modo, a prática educativa da construção dos conceitos, atitudes e procedimentos, no grupo familiar ou na escola, se faz considerando o conhecimento prévio do estudante. O professor ao assumir o seu papel de mediador no processo de ensino e de aprendizagem e, ao trabalhar com conflitos cognitivos, emanados da relação entre o conhecimento prévio dos estudantes e com as novas informações que ele trouxe, permite a reorganização das idéias prévias dos estudantes, na direção da construção do conhecimento.

Os conceitos de cidade e de urbano contribuem na discussão geográfica por se relacionarem aos processos de expansão capitalista, ao avanço das técnicas e também à relação campo e cidade, pois não é possível falar desses espaços de forma dissociada:

Os espaços não são apenas urbanos, existe a cidade e o campo. O modo de produção não produz cidades de um lado e campo do outro,

mas ao contrário, esta produção compreende uma totalidade, com uma articulação intensa entre estes dois espaços. (SPOSITO, 1996, p. 64)

Desse modo, o presente trabalho objetivou conhecer parte do trabalho docente considerando os conceitos citados num esforço inicial de identificar se as condições atuais da/na escola pública têm possibilitado a aprendizagem dos alunos de ensino fundamental.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA EM TRÊS LAGOAS/MS

Esta proposta foi realizada entre o segundo semestre de 2014 até o primeiro semestre de 2015 em Três Lagoas/MS, município com pouco mais de 110 mil habitantes (IBGE, 2010), situado na porção leste de Mato Grosso do Sul e na divisa com o estado de São Paulo (Figura 1).

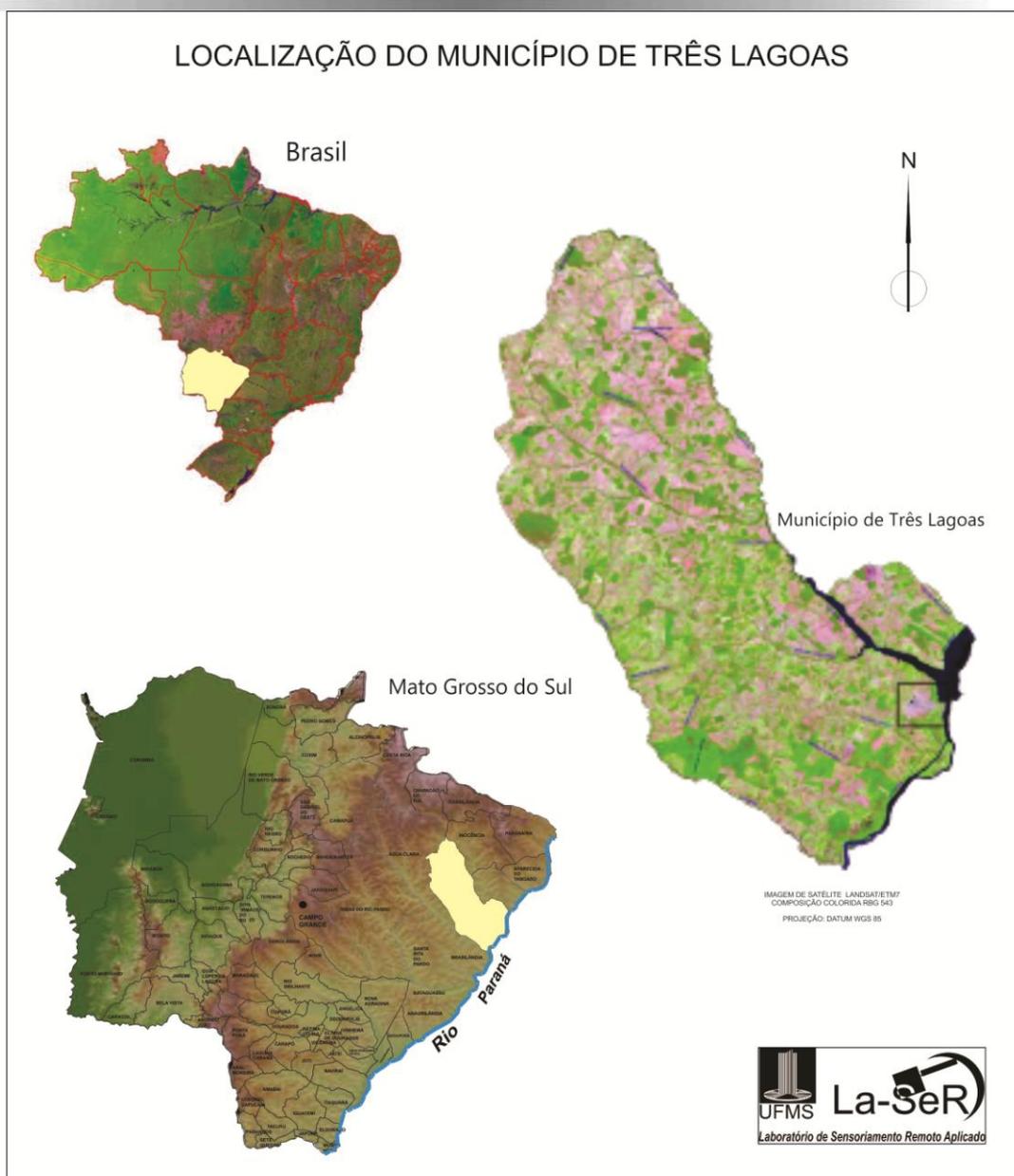


Figura1: Localização do Município de Três Lagoas/MS

A rede estadual de ensino de Três Lagoas compreende onze escolas estaduais, distribuídas irregularmente por toda extensão do município. A escola objeto deste trabalho situa-se em um bairro periférico da área urbana, funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno, atende mais de novecentos alunos, nas modalidades de ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos.

Os professores de geografia envolvidos totalizaram seis, mas durante o projeto, aconteceram mudanças no quadro docente, pois havia professores contratados temporariamente. Quanto aos alunos, a amostra priorizou alunos de 6º e 7º anos, pois, de acordo com o Referencial Curricular de Mato Grosso do Sul os conteúdos, competências e habilidades relacionados à cidade e urbano são desenvolvidos de forma mais específica com essas turmas. Realizaram-se estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Referencial Curricular do Mato Grosso do Sul, visitas periódicas à escola para conhecer e dialogar com professores, aplicação de atividades diagnósticas para alunos e, entrevistas com professores sobre estratégias e materiais didáticos, bem como sobre os referenciais teóricos que embasam sua prática.

Os professores que ministram aulas no ensino fundamental são egressos do Curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Há docentes recém-formados e outros com mais de dez anos de exercício. Ao serem entrevistados, os professores relataram que o atual currículo não reflete de maneira satisfatória a realidade e as particularidades da escola, há muito conteúdo para apenas duas ou três aulas semanais necessitando fazer vários ajustes para atender às expectativas de aprendizagem. Uma estratégia utilizada nesse sentido é a solicitação de trabalhos de pesquisas individuais ou em grupo. Quanto à formação docente, alguns professores já possuem título de mestre e especialista, porém, quanto à formação em serviço, os cursos oferecidos pela Secretaria de Educação-SED/MS não priorizam a formação na disciplina, tratando de temas de interesse para escola como um todo.

Os recursos materiais disponíveis na escola são livros didáticos, mapas, laboratório multimídia, biblioteca, lousa, giz. Segundo os professores, a escolha do livro didático do PNLD-Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação, não é totalmente definida pelos docentes, pois os livros recebidos nem sempre correspondem aos solicitados. As estratégias de ensino mais utilizadas são aulas expositivas e dialogadas, com orientação de trabalhos de pesquisa, leituras compartilhadas e consultas ao livro didático. É consenso entre os docentes que a boa relação com os alunos, pautada na responsabilidade e respeito é determinante

para aprendizagem, favorecendo a dinâmica das aulas e o envolvimento da turma nas atividades propostas.

No desenvolvimento do projeto de pesquisa, as atividades diagnósticas realizadas com alunos somaram oitenta participantes. Compostas por dois tipos de avaliação, uma com questões de objetivas e dissertativas e outra sob a forma de uma redação e representação por meio de desenho. Na primeira avaliação (Figura 2) a questão de número um indagou sobre a cidade buscando identificar como o estudante compreende o conceito e sua visão como cidadão.

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA- GEOGRAFIA

Aluno: _____
Turma: 7 ano B Data: 08/12/2014

01. Atualmente, a grande maioria das pessoas vive nas cidades. Em sua opinião o que é preciso para que um lugar seja denominado como cidade?

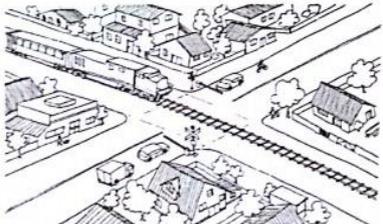
É preciso ter uma estrutura como casas, prédios, asfalto, ruas, bairros e muitas outras coisas que é preciso para fazer uma cidade.

02. Observe as imagens a seguir e indique com um (X) a figura que é semelhante à sua cidade.



Fonte: <http://www.colorgratis.com>

Figura 1- Amostra de parte da Cidade A



Fonte: <http://www.colorgratis.com>

Figura 2- Amostra de parte da Cidade B

03. Na imagem que você escolheu, quais elementos são naturais e artificiais? Preencha o quadro abaixo para responder.

ELEMENTOS NATURAIS	ELEMENTOS ARTIFICIAIS
<u>árvores, ar, terra, água, nuvens.</u>	<u>casas, carros, lojas, asfalto, prédios, trem, e encanamento e parcerias.</u>

04. A cidade de Três Lagoas reúne um conjunto de vários bairros, qual é o seu bairro e como ele é?

meu bairro tem muitas casas bastante movimentado e se estende por vários ruas e o meu bairro se chama pororopunga.

05. Quais problemas existem em sua cidade e em seu bairro? Você acredita que eles podem ser resolvidos? Como?

os problemas do meu bairro é mais segurança mais luzes etc no meu bairro falta asfalto limpo nos terrenos baldios e muito outros recursos que preciso para melhorar o bem estar da população.

Obrigado por sua participação. Dez/2014

Figura 2: Amostra da primeira atividade diagnóstica, realizada em dezembro de 2014.

Fonte: Arquivo pessoal

Na questão inicial, a maior parte das respostas obtidas elencou os elementos do espaço de forma isolada: casas, comércio, prédios, ruas, indústrias, trânsito e, citada poucas vezes, a população. O modo como foram redigidas as respostas,

excluindo-se erros de grafia, permite apontar a cidade como sinônimo de paisagem, considerando exclusivamente seu aspecto visível, diferente do que se esperava ao compreender essa forma espacial como resultante das relações sociais ao longo de sua história.

A segunda questão propôs a leitura de duas figuras que representavam parte de duas cidades diferentes e cabia ao aluno relacionar com a cidade local, ou seja, Três Lagoas-MS. O resultado foi positivo, pois somente três alunos não responderam corretamente.

Na terceira pergunta os estudantes deveriam organizar os elementos espaciais em um quadro e o resultado foi considerado satisfatório, registrando apenas dez alunos que misturaram alguns elementos, colocando na coluna de natural, o que era artificial, como exemplo “rua” em que foi apontado como sendo elemento natural.

A identificação do bairro fez parte da quarta questão e a maioria dos alunos soube identificar e descrever o local de sua residência, porém ao nomear o bairro, tiveram dúvidas, respondendo à questão com o nome da rua. Nesse ponto, vale registrar que a Prefeitura Municipal de Três Lagoas fez algumas alterações nos bairros da cidade, modificando o nome ou integrando bairros. Quanto à descrição, diferentemente do verificado na questão um, a resposta foi mais articulada, possibilitando compreender aquela fração do espaço.

A quinta pergunta buscou verificar os problemas urbanos e o posicionamento do aluno diante do contexto socioespacial onde se insere. As respostas demonstraram a preocupação com a violência, a insegurança, a infraestrutura, a mobilidade e apontam a responsabilidade somente do poder público, ou seja, sem considerar alguma ação por parte de si mesmo, de seus familiares ou do grupo que fazem parte. Esse resultado é relevante quando retomamos o propósito do ensino de geografia, tais como ler o espaço, tornar-se crítico e exercer sua cidadania e observa-se que isso se dá por meio de ações, sejam elas grandes ou pequenas. Assim, quando se trabalham os conteúdos, será que estamos apenas identificando problemas? A resposta demanda mais tempo e investigação, mas não pode ser esquecida.

Na segunda atividade (Figura 3 e Figura 4), solicitamos aos alunos a elaboração de uma redação contando como era o lugar onde residem, as mudanças e, ao final deveriam fazer um desenho que representasse esse lugar.

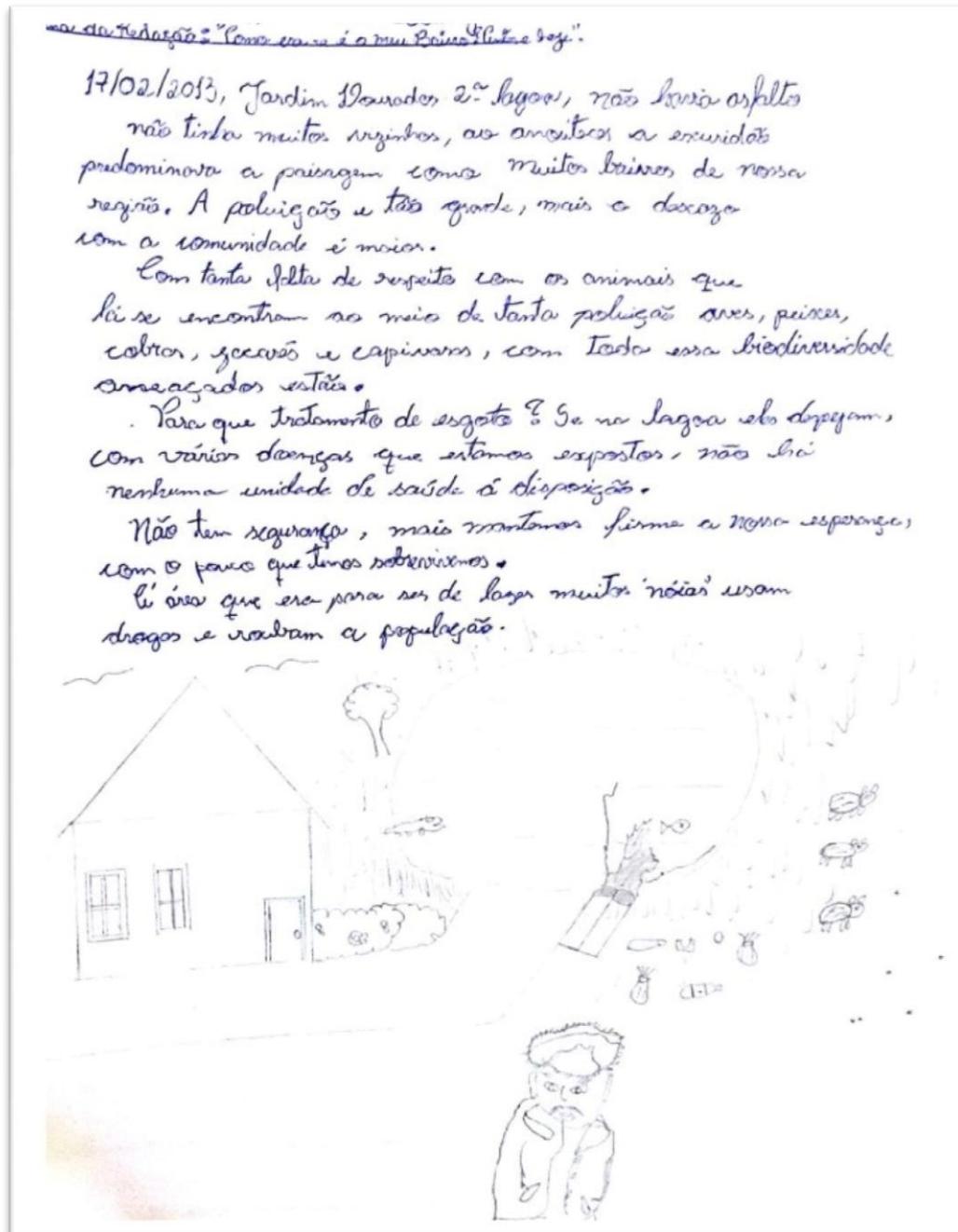


Figura 3: Amostra da segunda atividade diagnóstica, realizada em dezembro de 2014.
Fonte: Arquivo pessoal

O propósito da segunda atividade foi reunir subsídios para compreender, de forma mais livre, como os alunos interpretam seu espaço de vivência e se tal interpretação permite a discussão acerca das transformações que ocorreram na cidade fruto do processo de urbanização, conforme apresentado na figura abaixo:

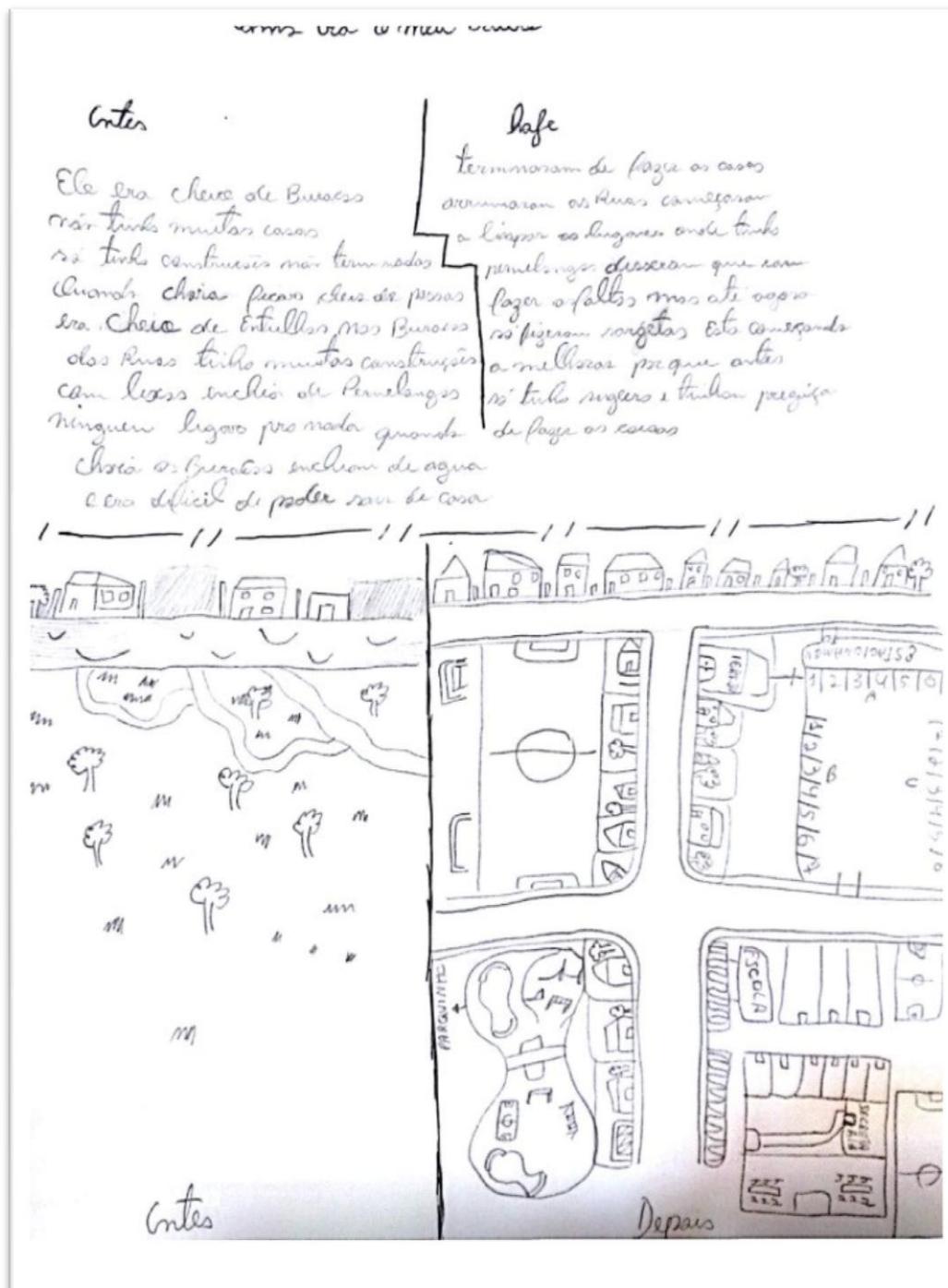


Figura 4: Amostra da segunda atividade diagnóstica, realizada em dezembro de 2014.
Fonte: Arquivo pessoal

Constatamos, que os alunos se identificam com seu lugar de vivência, reconhecem os elementos espaciais que modificaram ao longo do tempo, como era o local antes e atualmente, visualizam os aspectos positivos e negativos do bairro e o desenho reforça seu olhar sobre o espaço geográfico, como local que possui uma dinâmica social materializada no conjunto da relação entre elementos naturais e artificiais. Esta atividade propiciou condições para verificar o modo de como os alunos enxergam o espaço geográfico, a escolha dos pontos de referência e de localização espacial, disposição e identificação dos elementos que consideram mais importantes e ainda como gostariam que fosse seu espaço de vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de um trabalho no cotidiano escolar é desafio com diversos elementos e as interpretações proporcionadas por uma escola não são igualmente encontradas em outra e, até na mesma unidade, há diferenças entre os períodos matutino, vespertino e noturno, ou seja, cada escola tem uma dinâmica e características próprias que as identificam e também as diferenciam. Conhecer a escola, os professores, gestores e alunos durante o projeto se constituiu tarefa inicial que requer continuidade, entretanto, podemos tecer algumas considerações.

Os encontros de formação promovidos pela escola tratam de temas de interesse geral, não há tratamento específico por disciplina e sobre os cursos de formação continuada cabem aos professores realizá-los por conta própria. Assim, os docentes não possuem encontros coletivos durante o ano letivo, o planejamento das aulas é feito de forma solitária, durante a Hora Atividade, no período de sua jornada de trabalho, ou até fora da escola. Tal ocorrência é assinalada pelos docentes como entrave ao seu trabalho, pois o contato com os colegas permite compartilhar experiências, ideias e materiais.

A abordagem didática prioriza aulas expositivas e dialogadas, com uso de mapas, imagens, artigos científicos e mídia eletrônica, além do livro didático. Em

regra, os conteúdos são discutidos e explicados para turma e em seguida o estudo de um texto ou atividade sobre o assunto. As turmas dos sexto e sétimo anos são bem diversificadas, com alunos que acompanham com tranquilidade as atividades propostas e outros com extrema dificuldade em redigir um pequeno texto e desenhar. Os professores relatam que gostariam de explorar mais e de diferentes formas os conteúdos propostos, mas isso não é simples devido ao número reduzido de aulas e o volume de temas do currículo, além disso, o trabalho de campo, estratégia tão relevante para ensino, esbarra em exigências burocráticas e falta de apoio que desmotivam sua realização.

Quanto aos referenciais teóricos sobre cidade e o urbano, os professores consideram a cidade uma forma espacial e, o urbano como fruto do desenvolvimento do processo capitalista que dividiu os espaços e ao mesmo tempo os integra, sejam cidade, campo ou um bairro, uma região ou um país. Por outro lado, com os alunos, as atividades realizadas revelam certa dificuldade em realizar essa articulação, ou seja, reconhecem os lugares, identificam seus componentes, mas não estabelecem ligação entre os espaços e o processo gerador. Com relação à cidadania, se verifica o mesmo distanciamento, pois conseguem identificar os problemas urbanos, mas não se inserem como parte da solução.

Concluimos que a aprendizagem dos conceitos geográficos está em construção. Avançar em um caminho de articulação entre currículo, espaço vivido, espaço produzido é dar sentido a essa disciplina na escola, na vida e, uma visão fragmentada sobre o espaço geográfico mostra que a prática educativa carece de reflexão. A ausência de encontros e cursos de formação enfraquece o trabalho, faz o professor se sentir solitário, sem apoio e distante dos atuais debates da geografia escolar. Nossa proposta comprova a necessidade de reuniões coletivas por áreas do conhecimento, da formação continuada e, de prosseguir na investigação acadêmica utilizando outros métodos para obter novos subsídios para discussão em pauta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de e MORAES, Loçandra Borges de. Formação de professores: conteúdos e metodologias no processo de ensino e aprendizagem de Geografia. Goiânia: NEPEG, 2010. p. 39-57

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no Ensino Médio. Revista Terra Livre. São Paulo, n.14, p. 60-99, jan./jul.,1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção do conhecimento. 16ª. Ed. Campinas: Papirus, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico de 2010. Disponível em <http:// <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 21/12/2015

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. 4ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

MATO GROSSO DO SUL (ESTADO). Referencial Curricular do Mato Grosso do Sul. SED, 2012.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. Revista Terra Livre. São Paulo, n. 19, p. 134-150, jul./dez., 2002.

PONTUSCHKA, Nídia N; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. 3ª.ed. São Paulo: Nobel, 1992.

_____. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1998.

SPOSITO, Maria E. B. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1996.

SPOSITO, Maria E. B. As diferentes propostas curriculares e o livro didático. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib, OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Orgs.). Geografia em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2010. p. 297-311.

SUZUKI, J. C. Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação. Revista NERA (UNESP), v. 10, p. 134-150, 2007.

Recebido em: 08/03/2016

Aceito para publicação em: 14/04/2016